

ACAUÃ CANTOU NA MATA, SERÁ QUE CHOVE? O SEMIÁRIDO NORDESTINO EM CRÔNICAS DE TEREZINHA FIGUEIREDO

Claudenice da Silva Souza
Livramento Fernanda de Lima Araújo

Universidade Federal de Campina Grande (clau909silva@gmail.com)

Universidade Federal de Campina Grande (livfernanda2@gmail.com)

Resumo: Temos lembranças aos montes, de épocas passadas, de amigos, de festas, de coisas que nos fizeram rir e chorar. No âmbito literário, elas servem ao propósito de colocar no papel aquilo que desejamos que seja lembrado – ou esquecido – como também para satisfazer nossa vontade de relembrar através da leitura. Por isso, nós nordestinos não deixamos de expor vez em outra na poesia, no cordel, no conto ou na música memórias do nosso sertão. É exatamente esse tecido subjetivo, sensível e de cunho memorialístico que encontramos no livro intitulado *Crônicas* da paraibana Terezinha Figueiredo. Dentre o universo de lembranças da sertaneja, estão muitos escritos que se relacionam com a chuva, a aridez, a cultura e o modo de ser do nordestino destemido em busca de sobrevivência perante os sofrimentos de viver em um clima que, por vezes, parece não querer a felicidade do homem do campo. É nas crônicas em primeira pessoa que vislumbramos, a partir do olhar da autora, um pouco do mundo e da luta das pessoas que esperam pela chuva, que têm credices e que nunca perdem a esperança na lavoura, pessoas simples e lutadoras que caracterizam a nossa cultura e o nosso jeito de viver peculiarmente no semiárido brasileiro. Dessa forma, temos como intuito tecer uma análise reflexiva de algumas crônicas de Terezinha como, por exemplo, *Diálogo*, *Amanhecer campestre* e *Reflexões*, que podem fortalecer as representações que temos do nordeste na literatura paraibana. Pretendemos, portanto, buscar compreender um pouco do modo como a autora construiu suas crônicas e também a forma como são apresentados os personagens e suas relações com o campo e mais especificamente com o semiárido no qual vivem. Para nossa reflexão sobre a literatura de um modo geral dialogamos um pouco com Castagnino (1969); para nossas considerações sobre o gênero crônica, que neste trabalho é estudado, evocamos Portella (2002) e em relação a algumas informações acerca do semiárido do Brasil citamos Prado (2003) e Sáber (1990).

Palavras-chave: Crônicas; Terezinha Figueiredo; Chuvas; Nordeste.

Introdução

Acaso experimentaram a sensação de partir ficando? O jeito mesmo é se empurrar na imaginação a hora de voltar, para poder seguir voltando...

Terezinha Figueiredo

A literatura, como expressão artística que é, se utiliza da capacidade do homem de representar as diversas variantes objetivas e subjetivas do ser. Como não poderia deixar de ocorrer, a realidade perpassa os escritos de inúmeros autores inspirando-os a adentrarem mais e mais em áreas nas quais a humanidade é protagonista.

(83) 3322.3222

contato@conidis.com.br

www.conidis.com.br

Dessa forma, podemos pensar que o terreno do real é responsável por muitas produções que são, a um só tempo, fictícias e verossimilhantes, isso porque encontramos nas obras literárias situações presentes na realidade que servem de pano de fundo para a criação do imaginário, isto é, da literatura.

Adentrando em nosso contexto, na realidade do semiárido nordestino, não é difícil perceber que há autores que por estarem mais próximos dessa realidade ou por vivenciá-la naturalmente conseguem retratar com destreza o contexto sertanejo seja ele de seca, fartura, sofrimento, gozo, cultura ou de crítica social. Como exemplos mais conhecidos do público em geral citamos os cordéis, obras de destaque na cultura nordestina, que têm um grande papel na formação literária de nosso povo. Janduhi Dantas e Antônio Francisco são alguns exemplos de cordelistas. Não podemos deixar de mencionar que há grandes escritores na prosa que também tomam para si a responsabilidade de deixar na história nordestina a sua contribuição permitindo que tomemos conhecimento de grandes narrativas. Rachel de Queiroz, Ariano Suassuna, Jorge Amado e Terezinha Figueiredo são alguns nomes, dentre muitos, que fazem parte do rico acervo.

Esta última é a autora do livro intitulado *Crônicas* e publicado em 1981 no qual encontramos escritos que muito nos dizem sobre aspectos representativos do nosso semiárido e da nossa cultura. A obra é composta por textos do gênero crônica, como aponta o próprio título, e traz características linguísticas do nosso povo assim como crenças populares, religiosidade, temores e esperanças do sertanejo perante a vida no universo local, mais especificamente no nordeste paraibano por se tratar da regionalidade da autora. Nosso objetivo, portanto, é fazer uma análise reflexiva de algumas de suas crônicas: *Diálogo*, *Amanhecer campestre* e *Reflexões*, que podem fortalecer as representações que temos do nordeste na literatura paraibana. Buscamos, então, compreender um pouco do modo como Terezinha Figueiredo construiu as narrativas e também a forma como são apresentados os personagens e suas relações com o campo e mais especificamente com o semiárido no qual vivem.

1. Um pouco sobre o gênero crônica

A crônica é um tipo de texto cativante e, como bem disse Eduardo Portella (2002), inclassificável, isso porque ela não se rende ao discurso classificável dos gêneros literários. Ao fazer um apanhado histórico desse gênero tão especial, o autor supracitado defende que a crônica moderna “cresce com a imprensa de massa, desdobrando o seu **perfil móvel e**

diversificado” (2002, p. 226, grifo nosso), fazendo relação direta com o contexto em que ela circula, a imprensa, o jornal, a cidade, portanto.

Perguntamo-nos, então, sobre o porquê de ela apresentar uma mobilidade e uma diversidade em suas características. Ao passear pelas explicações do autor, encontramos uma resposta satisfatória que consegue abarcar a amplitude do próprio gênero aqui em questão. Percebemos que com a modernidade e conseqüentemente com o avanço humano, a crônica está para a ideia da vida em fragmentos, assim mesmo como estamos vivendo nos tempos de hoje. Ela é, portanto, capaz de captar instantes e momentos em seus fragmentos e assim realizar a construção de um retrato daquilo que somos e vivemos no presente.

O autor explana ainda que a crônica se reveste de uma sutileza que acaba por celebrar e denunciar a própria vida da cidade, porque ao mesmo tempo em que se vive com a cidade, ela se afirma contra ela. Isso ocorre no sentido de que se vê o que nela há e se expõe de maneira que nos faz pensar no que ocorre e que, por vezes, pode não ser tão bom ou aprazível à vida humana em sociedade.

É importante destacar que o que serve de matéria prima para a crônica é o cotidiano, como afirma Eduardo Portella (2002) em seus estudos. A vida, em seus diversos, amplos e significativos – ou insignificantes – meandros serve de pano de fundo para a tessitura da crônica: as pessoas, as ruas, as relações dadas na cidade, os asfalto, a sociedade como um todo, pois ela deixa “de ser a vida feita [...] para se afirmar como a vida sendo, fazendo-se, gregária e procriativa” (2002, p. 230). Isto é, o que ocorre é a justificativa e a razão de ser desse gênero tão diverso de si mesmo.

Sendo assim, diante do que vemos que o autor nos apresenta em relação ao gênero, temos como intuito compreender um pouco do modo a realidade da vida campestre se realiza nas crônicas de Terezinha Figueiredo. As narrativas escolhidas por nós possuem a característica de fragmentos destacada pelo autor, tendo em vista que a narradora se vale de instantes para escrever seus textos. É, por exemplo, quando acorda, madrugada alta, ouvindo os sons das conversas das pessoas que abrem para ir à feira ou quando a empregada chega à cozinha comentando sobre uma notícia ouvida no rádio – elemento por demais característico do cotidiano das pessoas simples na nossa realidade. A autora capta instantes daquilo que viveu e coloca na escrita registrando, portanto, a vida.

2. As crônicas de Terezinha Figueiredo

2.1. Diálogo sertanejo

A crônica **Diálogo** tem início com a filha Laura se dirigindo à mãe e falando a respeito de uma notícia que ouviu no rádio em relação a um método que serviria para fazer chover. De acordo com ela, consistia em atirar nas nuvens para que a chuva viesse.

A mãe responde com uma pergunta sobre onde está o inverno. Cely, cozinheira da família há dezesseis anos, entra na conversa com um ditado popular – “A quem Deus promete não falta, vem em camim” – mesmo que ela tenha medo da demora e de que haja a perda da plantação se a seca permanecer. Cely, em sua preocupação como mulher do campo, fala de um efeito da forte seca: as lavouras murchando na plantação.

Não é de hoje que percebemos a falta de chuva em nossa região nordestina. O período de seca dura o tempo suficiente para fazer com que muitos percam as esperanças em relação às suas plantações. Mais especificamente, de acordo com Sáber (1990, p. 160), “muito embora recebendo de 300 a 800 mm de precipitações anuais, o domínio semi-árido nordestino fica sujeito a fortes irregularidades na sucessão dos anos e à fortíssima e invariável evaporação na época da estiagem, a qual se estende em média por seis a sete meses (...)”. Por se estender por tanto tempo, a época de estiagem causa temor nos trabalhadores do campo. Nem sempre o que chove é o suficiente para as lavouras, mesmo com a quantidade de água advinda do inverno sendo de 300 a 800 mm, como está citado acima. A forte temporada de seca impossibilita a existência contínua das plantações – meio do qual os camponeses vivem periodicamente – e por consequência há um relevante e prejudicial desfalque em suas rendas.

Voltando à crônica, Cely, esperançosa, lista sinais que podem ser considerados prenúncios de chuva: a acauã cantou em um pau, mesmo que ela não saiba se foi seco ou verde; o sol estava muito claro (“quilaro de incendiar”); o cardeiro floresceu; o carreiro estava cheio de água e a serra amanheceu “cachimbando”, ideias típicas do nordestino que podemos caracterizar como prenúncio de chuva, de acordo com o contexto que vemos no texto de Terezinha Figueiredo. Ela diz ainda que sua comadre havia roubado um santo da casa de Mané Chico e mesmo com essa ação, as águas não descem do céu para trazer a sonhada alegria, fato que decepcionou a cozinheira.

É sabido por nós que o homem do campo em busca de solução para o gravíssimo problema da seca no sertão nordestino se vale da religião e de seus rituais como meio de aliviar a angústia e evocar a chuva. Em relação a isso, Neto e Lopes (2015, p. 137) destacam que “muitas vezes, em meio ao desespero, o sertanejo se apega a devoções que o leva a realizar algo que se cristalizou com o nome de promessas, feitas às mais variadas imagens

daquilo que, na concepção católica, são considerados santos”. Então, como a crônica de Terezinha retrata tipicamente o cenário nordestino, não poderiam faltar crenças como a da cozinheira Cely, que acreditava na possibilidade de se roubar um santo a fim de provocá-lo para que assim a chuva viesse.

Ao ouvir o relato de sua cozinheira, a narradora concorda com a notícia anunciada no rádio de que era de fato necessário o bombardeamento das nuvens. Ao escutar sua patroa concordar com a ideia, Cely, estupefata, indaga se ela cria realmente em tamanha ofensa contra Deus, já que, dessa forma, estavam modificando o curso dos fenômenos naturais.

Ao responder à empregada dizendo que não acredita que esse fato seja algo ruim ou contra Deus, a narradora cita o acontecimento histórico de Armstrong e sua chegada à Lua. Isto é, se o homem havia conseguido chegar até lá, por que não seria capaz de fazer chover, já que as nuvens são mais próximas de nós do que a Lua? O viés crítico da autora se manifesta quando ela complementa sua conversa com Cely fazendo menção à falha do governo da época, que não faz sua parte para ajudar a população diante do quadro da seca. Se assim fizesse, desempenharia, portanto, o papel que a empregada atribui à divindade.

A narradora faz uma reflexão após expor o diálogo com sua filha e a cozinheira. Ela chega à conclusão de que nos lugares em que a situação socioeconômica é quase a mesma, ou seja, de pobreza, a visão primitiva permanece. “Por não conhecerem a técnica ficam incapacitados e daí, apelam para forças sobrenaturais” (p. 39). Ela reflete que esse modo de enxergar as coisas não é próprio apenas da zona rural, mas sim do Brasil como um todo, que é ainda, tratando da época em que a crônica foi escrita, tradicionalista.

A narradora, ao lembrar-se de uma circunstância em que esteve com algumas pessoas contando anedotas, revela a situação socioeconômica do momento e cita, por exemplo, o latir dos cachorros e o bater de asas dos galos, pois estes estavam fracos e aqueles famintos, isto é, a pobreza como companheira constante daquela gente do sertão. Ela se recorda ainda, nas últimas linhas da crônica, de que no meio da conversa chegam dois homens. Eles temem a continuação da seca e a morte por causa da fome. As palavras finais refletem a angústia da narradora perante a situação tensa que viviam, pois temiam o sofrimento e, é triste dizer, a fome de maneira catastrófica.

Assim como todas as crônicas da autora em que há vozes de personagens nordestinos, **Diálogo** tem um leque de palavras escritas da maneira como a maioria dos homens do campo falavam e/ou falam, como, por exemplo, “mermo”, “pra”, “castigano”, “num”, “tá”, “murchano”, “pió”, “siná”, “florano”, “caino” e “cramô”. Essas são algumas palavras que

tiramos dos trechos em que aparece a voz da empregada Cely e caracterizam a forma nordestina de falar e, por consequência, nossa variação linguística.

Assim como as palavras, há expressões características nossas: “Deu no rádio”, “Vem em camim”, “A serra amanheceu cachimbando”, “Quilaro de incandiar” e “Chei d’água”. Se prestarmos atenção, a maioria das expressões aqui citadas têm a ver com a ideia de seca ou de chuva, o que também se caracteriza como uma espécie de apelo.

2.2. Amanhecendo no sertão

A crônica **Amanhecer campestre** é em primeira pessoa. A narradora acorda de madrugada com o latido de cães e o ruído da porteira, pois as pessoas estavam saindo para ir à feira de Fagundes. Era pouco mais de quatro da manhã quando ela liga o rádio – elemento que aparece na primeira crônica também. Era uma manhã de inverno e a narradora descreve minuciosamente a beleza da estação naquela madrugada: “Só resta neve na grotta do poço da Piacra – véu de noiva em nave de Igreja?” (p. 48) e da vida que as coisas ganhavam com o inverno: cor, som e cheiro.

As sensações são descritas por ela enquanto descreve o ambiente natural de seu pequeno lugar: o verde dominava a paisagem naquele momento, as canafístulas estavam carregadas de amarelo-gema – em relação às cores –, a passarada havia engolido o silêncio – em relação ao som –, o vaqueiro causava agitação no curral levantando cheiro de terra e mato enquanto manejava a bezerrama, fazendo menção ao olfato, ou seja, ao odor peculiar de seu lugar.

A situação de um dos vaqueiros da fazenda na lida com o gado, que ela chama de bezerrama, é narrada. A autora opta por reproduzir os sons que eles utilizam para conduzir os bichos, que em outro momento ela chama de clientela leiteira. A narradora se deleita com o trabalho simples dos homens Zé Côco e Zé Maria, pois há uma calma e uma verdade naqueles gestos que a satisfazem, comparando-os com o azul do céu estrelado e com as estradas que, de acordo com ela, levam a diferentes rumos.

O povo do campo tem um espaço privilegiado em suas reflexões nessa crônica, pois há uma valorização do trabalho simples e da forma como vivem. Eles “não têm dramas existenciais: nunca sobem e desconhecem a queda. São quase nenhuma as frustrações desses incivilizados. Tentações? Só a da carne e mesmo assim sem proteínas... No campo qualquer um pode ser bom, penso” (p. 49). A ideia de que eles não têm grandes ambições através das palavras “nunca sobem” parece ser uma qualidade daquelas pessoas, o que as diferencia

daqueles que vivem na cidade. A isso está atrelada a ideia de que eles não conhecem a queda, como se fossem estáveis em suas vidas campestres, desempenhando seus trabalhos com afincos e nobreza de alma. A opinião da autora de que todos podem ser bons se estiverem no campo nos leva a perceber o valor que ela atribui às pessoas que trabalham em sua fazenda e no meio rural como um todo.

Grande parte da madrugada ela passa acordada, escutando, longe, rumores desse povo que vai à feira e ouvindo também os homens chamando os bichos. Ela pensa justamente no valor dessas pessoas e fica inquieta diante da simplicidade e completude das atitudes dos mesmos. A contemplação tem fim quando fecha a janela e volta a dormir. Sua satisfação foi tamanha que ela teve a sensação de que conversaria com anjos em seu sono, mostrando, portanto, as boas sensações advindas do momento de felicidade ao estar naquele ambiente.

Por ser majoritariamente narrativa, a crônica não tem muitas palavras peculiarmente pronunciadas pelo sertanejo nem muitas expressões que sejam propriamente nossas, mas a autora opta por colocar a maneira como os vaqueiros se comportam e como chamam os bois para o pasto com as onomatopeias que imitam na escrita as vozes que ela ouvia. Inclusive, ela cita os nomes com quais os bois eram intitulados como, por exemplo, Gaúcha, Rainha, Escrava, mostrando a intimidade e também a consideração que eles tinham pelas vacas de leite.

Identificamos ainda também algumas palavras que imitam o modo de falar do nordestino, como: “os povo” – em que apenas o artigo definido aparece no plural e o substantivo permanece no singular, “pra” – típico da linguagem oral, “fêra” – que na linguagem formal tem a letra *i* e não tem acento circunflexo na vogal *e*, “tô” – abreviação do verbo conjugado na primeira pessoa do plural e “passano” – ao invés de passando.

2.3. Reflexão e seca

A terceira crônica que escolhemos para analisar é **Reflexões** e, em termos de extensão, é a maior de todas. A narrativa começa com um diálogo em relação ao prenúncio de chuva, pois era como se os animais estivessem “adivinhandos” a chuva que viria: a acauã e a cigarra haviam cantado na mata.

No diálogo, um dos personagens – nenhum deles é denominado – comenta que ouviu na feira de Fagundes (mesma feira citada na outra crônica) que a culpa por não estar chovendo é relacionada a músicas feitas para o São João, pois eram desrespeitosas, assim como a retirada

de peixes do açude Boqueirão – fato considerado, pelo personagem, o pior de todas as ofensas.

O traço religioso aparece também nessa crônica através da opinião do mesmo personagem quando ele revela estar de acordo com a seca, que era um castigo pelos insultos a Deus. Isto é, para o homem anônimo, a divindade tinha o poder de castigá-los por suas atitudes, que na crônica são descritas e para eles aparentam ser ofensivas e justificam o fato de não chover. Em relação a isso, Bastide (1959, p. 85-86), explicita que há “longos rosários de sofrimento que explicam por que o vaqueiro vive no temor constante da cólera divina, que se abate impiedosa, sobre a terra”. Sendo assim, as pessoas acabam por procurar uma maneira de explicar aquilo que elas não entendem.

Havia um mês que não chovia e a tristeza e a aflição começavam a aparecer nos homens do campo, pois temiam perder o que haviam plantado. Mesmo assim, eles se mantinham esperançosos nos sinais – que não falhavam – de que a chuva estava por vir.

A autora adentra na narrativa com a reflexão de que aqueles homens do campo são *impregnados de religião*, ou seja, a credence era muito forte para o povo sertanejo e que a sobrevivência dos mesmos está diretamente ligada à colheita e à caça. “Aqui no sertão a vigília da chuva é a mais demorada de todo o Brasil. Espera-se por ela. Rezas e cerimônias religiosas são praticadas para vencer a periodicidade das secas implacáveis. Começam as observâncias tradicionais registradas no seu rico folclore (...)” (ARAÚJO, 1972, p. 33-34 *apud* NETO; LOPES). Isto é, assim como na outra crônica, ela reflete sobre o desconhecimento da tecnologia e do refúgio no sobrenatural.

Eles acreditavam que ia chover porque o Sol estava “quente de rachar” e com um brilho incomum. Ao olhar pela janela, quis averiguar se o astro estava realmente quente e um pouco mais reluzente que o normal, como disseram na conversa. A narradora acaba por se deparar com os trabalhadores que se dirigiam ao campo: “Enxada às costas, piola comprimida entre os lábios ou trás das orelhas, lá vinham aqueles homens de camisas rotas, calças remendadas e descoloridas, destemidos e temerosos...” (p. 53). Ela pinta a imagem típica do sertanejo através de sua descrição, tendo em vista que pelo contexto que podemos apreender na crônica ela os vê de sua janela e por isso os descreve tão bem.

Quadro desolador! Em alguns roçados, milho em boneca ou penduando; outros mais crestados pelo calor, pareciam tiras amareladas. As carreirinhas de feijão sedentas, desmaiadas no solo ardente.

E aqueles sem desânimo ainda arrastavam para os pés da lavoura alguma terra. Junto, radinho portátil falando de chuvas artificiais, escandalizando-os e os noticiários relatando seca no Ceará e toda região nordestina que presenteara Celso Furtado ao exterior. Povo forte, a confundir-se com a

natureza nas diversas estações do ano! (p. 53)

É interessante mais uma vez observar a descrição da seca pela autora com detalhes ricos das condições da lavoura, por exemplo, como podemos observar no trecho acima em relação à situação do milho ou do feijão, a quem ela se refere no diminutivo – *carreirinhas de feijão sedentas* –, o que pode parecer uma espécie de carinho pela plantação como também para expor a imagem da lavoura se apoucando cada vez mais diante do Sol abrasador.

Mais uma vez, percebemos a presença do rádio de pilha, que acompanha o homem do campo ao longo das crônicas de Terezinha Figueiredo, caracterizando-as. As notícias ouvidas por meio desse instrumento de comunicação humana espantavam os trabalhadores. A narradora expõe sua admiração pelo povo, a quem ela adjetiva de *forte* e sobre quem faz uma observação incomum ao dizer que eles se confundem, por vezes, com a natureza por estarem, acreditamos, tanto tempo naquele cenário árido que acabam sendo parte dele.

Ainda na janela, a narradora descreve a mudança que ocorre no céu no momento de suas conjecturas: “As nuvens cinzentas foram engrossando pouco a pouco no horizonte. O Sol voluptuoso encostou ao seu, os corpos das nuvens, para a alegria da terra daqueles homens esquecidos” (1981, p. 53). Notemos a adjectivação para os camponeses – *esquecidos* – que caracteriza a servidão e a diminuta importância que tinham. A visão sensível da autora é peculiar no tocante a se assemelhar à percepção do sertanejo à espera da água.

De começo o **vendaval** balançando furioso o arvoredo para depois **pingos fortes** no telhado; logo mais água muita na goteira, riachos e grotas descendo para os açudes **inundando as vazantes**.
Cheirinho gostoso emanando da terra ressequida misturando a fragrância dos jasmineiros e estrume, vindo do curral. (1981, p. 53, grifos nossos)

Depois da longa espera, as águas vêm do céu e fazem a alegria do nordestino. Não foi uma simples chuva, mas um vendaval, como vemos no trecho acima. Percebemos a satisfação da narradora ao mencionar a fragrância advinda da terra seca e da mistura dos jasmims e do estrume, coisas típicas da região sertaneja.

No fim da crônica, quando já é noite, a narradora relembra o folclore de sua terra: almas penadas, comadre fulozinhas, sacis e lobisomens, marcando sua regionalidade e também o conhecimento acerca de sua cultura. É perceptível a satisfação da narradora: “Vento rugindo nas frestas das janelas. Temporal aumentando, matando-me de bem estar” (1981, p. 54).

Para complementar nossa análise, percebemos que a autora situa temporalmente cada parte de sua crônica e os momentos possuem ações

específicas: “Pela manhã comentários, café de dedo à porta da cozinha e a alegria matuta estampada nos semblantes humildes” (p. 54). Chegamos a imaginar alguém na porta da cozinha tomando um cafezinho antes de “pegar na enxada”, algo que faz parte do nosso costume.

No fim, há ainda um breve diálogo entre patrão e seu empregado a respeito da cheia do açude e do barreiro por causa da chuva do dia anterior. O trabalhador diz que “as lavourinhas tão sorrindo pro céu” (p. 54) depois do período de estiagem. O patrão reclama do atraso no serviço e ouve a justificativa de que foi por causa da entrega do santo *Padim Ciço* na casa de comadre Domera, fato que marca um costume das pessoas mais antigas de nossa região. “O sertanejo é, por demais, envolvido nesses tipos de crenças e superstições voltadas para a sequidão. Dessa forma, os rituais se multiplicam, apegando-se o sertanejo ao que for, no desejo de que possa vir o alento tão esperado – as chuvas (NETO; LOPES, p. 140). Inclusive, se voltarmos à primeira crônica perceberemos que a cozinheira Cely fala sobre o roubo de um santo para fazer chover.

Para finalizar, há a forma como muitas pessoas com pouca escolaridade fazem a concordância, como, por exemplo, “as música” e “os povo”. Há também verbos como “dissero”, “fizero”, “tão”, “insurtano”, “rachano”, “intregá”.

Reconhecemos como traços peculiares das crenças do sertanejo algumas ideias, como a acauã cantar na mata, a cigarra cantar muito, o rádio de pilha que os homens escutavam quando iam trabalhar, o saci pererê, o roubo uma imagem de um compadre para que chovesse e depois entregar dentre muitos outros que já foram citados ao longo dos comentários.

Considerações finais

As crônicas de Terezinha Figueiredo possuem um tom de subjetividade muito forte porque estão atreladas diretamente às vivências da autora em tempos diferentes de sua vida, ora na infância ora na vida adulta. Isso porque os seus textos são, como bem definiu Átila Almeida na orelha do livro, memórias que ela escreveu com o próprio coração, colocando nelas sua essência de escritora sertaneja.

Como vimos no início deste trabalho, Eduardo Portella (2002) defende que a crônica está indubitavelmente inserida no contexto de circulação de quem a escreve. Portanto, não é difícil perceber as muitas marcas da cultura local presentes em cada frase e em cada observação que compõe as narrativas. Em especial nas três crônicas por nós analisadas ao

decorrer do trabalho, nos damos conta de que os escritos da autora fortalecem a representação do semiárido nordestino. Com personagens que têm suas peculiaridades e sua esperança de dias melhores, a autora retrata de maneira forte e também reflexiva como as pessoas se portavam diante do quadro da seca no século XX, contexto de publicação do livro.

As três crônicas trazem a temática da seca e do sertanejo que luta pela vida mesmo que haja uma desolação que lhe retira as forças, mas não lhe impede de perseverar. Ao contrário, eles se tornam resilientes ainda que isso signifique crer em sinais da natureza – como o canto da acauã que, de acordo com a cultura nordestina e as crônicas da autora, prenuncia a chuva – ou do sobrenatural para seguir e para apaziguar o medo do futuro incerto. Há nas narrativas a presença do rádio de pilha, elemento típico daquela época e um dos meios de comunicação mais utilizados pelo sertanejo para receber as notícias, o que reforça a ideia da simplicidade daquela gente. Há ainda inegavelmente a satisfação da autora ao lembrar a luta daquelas pessoas por suas vidas através de muito esforço, o que sempre lhe trazia prazer.

Não podemos deixar de notar o carinho da autora ao ouvir as pessoas saindo de madrugada para a feira de Fagundes ou ao contarem de suas superstições e de seus medos, mas principalmente a alegria que vinha com a chuva. Sentimento do qual a narradora também participava. Ela demonstra isso através da sinestesia construída com palavras que deixam transparecer a mistura de sensações causadas pelo cheiro da chuva e do estrume, pelo verde que a mata ganhava, pelo amarelo das flores e enfim pela vida que se tornava mais colorida com a internada.

Referências bibliográficas

BASTIDE, Roger. **Brasil, terra de contrastes**. São Paulo: Difusão europeia do livro, 1959.

FIGUEIREDO, Terezinha. **Crônicas**. Campina Grande: Editora e Gráfica Santa Fé, 1981.

NETO, Joaquim Lopes da Silva; LOPES, Sebastião Alves Teixeira. Jesuíno, o profeta, de Chico Anysio: O messianismo em seus aspectos teológicos. **Revista Entrelaces** – Ano V – nº 06 – jul. – dez. 2015 – ISSN 1980-4571/130-147, p. 130-147. Disponível em <http://www.entrelaces.ufc.br/2015/2015.entrelaces-06.pdf>. Acesso em 02 de outubro de 2017.

PORTELLA, Eduardo. **O discurso da cidade**. Revista Tempo Brasileiro, jul.-set. – nº 150 – 2002 – Rio de Janeiro, ed. Trimestral.

SÁBER, Aziz Ab. **FLORAM: nordeste seco**. Estud. av. v.4 n.9 São Paulo maio/ago, 1990.